

## DESENHANDO UM CAMINHO SEM DEFICIÊNCIA: PRODUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE DESENHOS POR CEGOS.

Francisco José de Lima. Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

O presente estudo faz uma discussão sobre os benefícios que o desenho pode trazer a pessoas portadoras de limitação visual, total ou parcial, mostrando que essas podem produzir e reconhecer figuras bidimensionais em alto-relevo, bem como defende a "limitação" em oposição a "deficiência", como descritivo para pessoas portadoras de limitações mental, sensorial ou física. Exemplo de benefício que o trabalhar com figuras bidimensionais com portadores de limitação visual, oferece-nos Millar (1976) ao propor que "treinar com materiais bidimensionais nos quais direções e ângulos possam ser sentidos um em relação a outro pode facilitar a orientação espacial por crianças cegas. Tal treinamento, portanto, deve começar, tão cedo quanto possível e não, mais tarde, apenas como acessório no aprendizado de geometria". Heller (1989), por sua vez, demonstra-nos que mesmo os cegos congênitos são capazes de fazer e reconhecer figuras bidimensionais, afirmando em seu estudo de 1990 que se for dado tempo suficiente para o indivíduo cego observar hapticamente dada configuração bidimensional, esses indivíduos serão certamente capazes de produzir representações de perspectiva através do desenho, e capazes de interpretar perspectivas em desenhos. O autor também afirma que pessoas cegas congênitas provaram ser capazes de entender configurações espaciais complexas e de desenhar transformações imaginadas de perspectivas. Para Hatwell (1985) "os sujeitos cegos têm dificuldade com geometria devido a falta de materiais que lhes habilitem o desenho de figuras bidimensionais e não devido a problemas com sua cognição". Posto isso, são apresentados instrumentos que permitem ao cego fazer seus próprios desenhos, mapas ou gráficos, bem como exemplos destes feitos por crianças e adultos cegos. Em defesa de um descritivo que pressupõe, mais que uma mera criação terminológica, uma mudança de postura na atuação de profissionais que lidam com indivíduos portadores de limitação e desses próprios sujeitos, é proposto o termo "limitação" em oposição a "deficiência", uma vez que esse termo parece implicar uma carga de pré-concepções ou mesmo de preconceitos. Afinal, poderia uma pessoa privada do movimento das pernas e dos dedos da mão pintar uma tela com um pincel? Não! Responderiam afoitamente os defensores da deficiência. Sim! Afirmamos nós, comprovando com exemplo, pois com a postura de que as pessoas são portadoras de limitações e não de deficiências quase tudo é possível, desde que lhes sejam dadas condições próprias, tanto econômica, social, tecnológica, como de educação e de saúde. Financiamento (FAPESP)